

() Graduação (X) Pós-Graduação

A TRAJETÓRIA DE ÁLVARO SIZA E SUAS PRIMEIRAS PRÁTICAS

Vanessa De Conto,
Universidade Federal de Santa Maria,
vanedeconto@hotmail.com

Fabiane Vieira Romano,
Universidade Federal de Santa Maria,
fabiromano@gmail.com

Ana Elisa Souto,
Universidade Federal de Santa Maria,
anaearq@gmail.com

RESUMO

Esse estudo apresenta uma síntese sobre o início da carreira do arquiteto português Álvaro Siza. Desse modo, o trabalho pretende contribuir para um maior entendimento das decisões projetuais do arquiteto, sua evolução projetual, a materialidade utilizada e como esses projetos se relacionam com o sítio de implantação. O recorte temporal definido engloba as décadas de 1940 até o final da década 1960, período em que Siza ingressa na faculdade, se forma e inicia no campo arquitetônico. Por meio desse estudo foi possível identificar a completude de suas soluções construtivas, a valorização e inserção de características locais e topológicas em seus projetos e o primor que isso implica no todo construído. Também se percebe a influência do regionalismo crítico em seus projetos. Álvaro Siza constrói sua carreira sem a definição de uma linguagem pré-estabelecida, repetições formais ou uso de materiais de forma intensa. O arquiteto encontra em cada projeto uma oportunidade de integrar sua arte ao local, refletida no conjunto de suas obras as relevâncias que são únicas aquela situação projetual.

Palavras-chave: Álvaro Siza; projeto arquitetônico; lugar.

1 INTRODUÇÃO

Álvaro Siza Viera Joaquim de Melo nasceu em Matosinhos, nos arredores da cidade do Porto, Portugal, em 1933. Neste período, o mundo experimentava uma instabilidade nas esferas sociais, políticas, econômicas, arquitetônicas e urbanas, ainda como reflexo do final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). As vanguardas europeias estavam em ascensão, novas possibilidades construtivas e novos materiais começam a estar à disposição do mercado da construção civil.

Em 1949, Siza insere-se no curso de arquitetura na Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP) (GARCIA, 2012). Naquele período a FAUP (Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto), seguia a metodologia educacional das “*Beaux-Arts*”¹ no contexto do Pós-Guerra europeu e, Portugal, encontrava-se sob o domínio do regime ditatorial salazarista² (SOUSA, 2009; MARTINS, 2020).

Apesar do contexto político, o acesso de estudantes e arquitetos atuantes aos textos, obras e artigos publicados em revistas internacionais por arquitetos modernistas renomados como Le Corbusier, Alvar Aalto, Frank Lloyd Wright, entre outros, contribui para o desenvolvimento do senso crítico, o conhecimento sobre as vanguardas artísticas atuantes, a sensibilidade projetual e a relação desses arquitetos com o entorno projetual (RAPOSO, 2016; PENTEADO NETO, 2019; MARTINS 2009). Foi nesse período de transformações de paradigmas sociais e arquitetônicos que em 1955 Álvaro Siza se formou arquiteto.

Como estratégia política para conter os avanços do pensamento modernista europeu, o governo salazarista inicia uma série de incentivos que objetivam uma retomada teórica, crítica e prática dos ideais historicistas e culturais portugueses. O objetivo dessas ações é afastar, mesmo que de forma indireta, os rompantes internacionais que influenciavam a arquitetura portuguesa no período. Para tanto, são incentivadas a produção em massa de habitações populares. A intenção era desenvolver um pensamento modernista português próprio, não abandonando os preceitos tradicionalistas (LEAL, 2008).

Para tanto, foram contratadas equipes de arquitetos que se destacavam no período, muitos deles também atuavam como docentes na FAUP – como Fernando Távora, para iniciar uma investigação sobre a arquitetura regional portuguesa. Por intermédio de Fernando

¹ Estilo arquitetônico ensinado nas Escola de Belas Artes de Paris, especialmente a partir da década de 1830 até o fim do século 19.

Távora, o jovem arquiteto Álvaro Siza passou a integrar uma das equipes (TÁVORA, 1945; LEAL, 2008; CLEMENTINO, 2013).

Buscando compreender a trajetória do arquiteto Álvaro Siza, suas primeiras práticas e como esses projetos se relacionam com o lugar, esse artigo é um recorte dos estudos que compõe um projeto de dissertação de mestrado desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo – PPGAUP, da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

Desse modo, esse trabalho pretende contribuir para um maior entendimento das decisões projetuais do arquiteto, sua evolução projetual, a materialidade utilizada e como esses projetos se relacionam com o sítio de implantação.

2 O INÍCIO DA TRAJETÓRIA DE ÁLVARO SIZA

Fernando Távora foi um dos maiores incentivadores de Álvaro Siza. A participação do arquiteto na equipe de investigação sobre a arquitetura regional portuguesa resultou em um dossiê teórico ilustrado sobre o panorama da arquitetura habitacional publicado em 1961, intitulado *Arquitetura Popular em Portugal*. Uma das conclusões da investigação foi a identificação de uma arquitetura com tendência a mesclagem entre o formalismo conservador português e as vanguardas internacionais (CLEMENTINO, 2013; MARTINS, 2020).

Essa mescla estilística foi definida por Frampton (2015), como regionalismo crítico. Álvaro Siza é um dos exemplos dessa postura regionalista que se define como uma forma de pensar arquitetura e não como um estilo arquitetônico. Esses aspectos, quando compreendidos, valorizam a cultura local no qual o sítio pertence, incorporando pelo arquiteto seus nuances de forma crítica e adequada.

Ainda segundo Frampton (2015), a inclusão de características regionais em um projeto não deve ser confundida com a retomada de estilos passados ou com o negacionismo de novas possibilidades contemporâneas. Desse modo, o regionalismo crítico é a oportunidade que o arquiteto possui de desconstruir diretrizes implantadas por um modernismo universal, incluindo valores e manifestações culturais localmente cultivadas. No entanto, isso tudo só é possível se o arquiteto apresentar o adequado domínio da técnica e amplo conhecimento do lugar.

Tal forma de pensar a arquitetura é compartilhada por Álvaro Siza e Fernando Távora por meio da sensibilidade projetual que ambos analisam e identificam o espaço circundante

aos lotes de seus projetos e os recursos potencialmente disponíveis (CLEMENTINO, 2013). Essa sensibilidade começa a se destacar em projetos que respeitam a escala humana e que priorizam os recursos locais como elementos primordiais na elaboração projetual.

É por meio do somatório dos ensinamentos da FAUP, a experiência com Távora e a sensibilidade as transformações do período, que Siza passa a desenvolver seu próprio método de projeto (PENTEADO NETO, 2019).

Segundo Tostões (2008) as primeiras obras de Álvaro Siza demonstram uma inquietante inteligência e complexidade de soluções. A primeira fase pode ser datada entre os anos de 1954 a 1969, caracterizada por uma heterogeneidade formal, ordenamento quanto à implantação no lote, escala e temática (SIZA, 2009).

Nesse cenário, Siza começa a assumir pequenas reformas na década de 1950 e a auxiliar Fernando Távora em seu ateliê. Em 1954, assume seu primeiro projeto autônomo, intitulado como Quatro Habitações, que contempla membros de uma mesma família residentes na cidade de Matosinhos, sua terra natal. O projeto do pequeno conjunto habitacional é composto por duas residências unifamiliares e duas unidades geminadas, ambas de telhado tradicional de uma água. O sistema construtivo utilizado são as paredes de granito autoportante (SIZA, 2009).

Segundo Martins (2020), apesar da apropriação majoritariamente regionalista do projeto, é possível observar a influência modernista nas aberturas e no tipo de acabamento utilizado. A asperidade, o brutalismo no acabamento e a distribuição das janelas podem ser um indicativo da influência da produção de Le Corbusier, considerando que no mesmo período o arquiteto construiu a capela de Notre-Dame-du-Haut – Ronchamp, França, em 1954.

Figura 1: As quatro habitações de Álvaro Siza (1954).



Fonte: Matosinhos (2020).

A releitura modernista da aplicação de sistemas construtivos locais apresenta-se como uma característica pontual dessa fase, equilibrando modernidade e história através do uso de materiais como o granito para paredes estruturais (BARATA, 2000). Esse sistema construtivo era comumente adotado no período por outros arquitetos como Fernando Távora (MARTINS, 2020). O concreto armado, apesar de estar difundido em outros países da Europa, em Portugal ainda não apresentava a mesma adesão, o que não influenciou o valor estético ou a inserção de ideais modernistas no repertório arquitetônico e tradicionalista português.

Figura 2: Capela Notre-Dame-du-Haut – Ronchamp de Le Corbusier (1954).



Fonte: ArchiDaily (2012b).

Posteriormente, na década de 1960, inicia-se a prática arquitetônica mais acentuada quanto às novas possibilidades tecnológicas e construtivas no setor civil, proporcionadas pelo avanço na indústria, e, os reflexos desse progresso começam a aparecer nas obras de Álvaro Siza. A década de 1960 foi marcada por grande produção, entre elas o projeto para a Cooperativa de Lordelo do Ouro, em 1963, na cidade do Porto, Portugal.

O terreno escolhido encontra-se em uma região em que o desenvolvimento urbano no período era incipiente. A partir da utilização de geometrias básicas, o arquiteto cria uma volumetria com características brutalistas, baseado no que estava sendo produzido na Inglaterra. O volume imponente, cúbico, purista e de implantação escalonada no lote volta-se para si. O rigor externo não reflete as estratégias de flexibilidade espacial, luz natural e relações entre os espaços internos que o arquiteto adota no projeto.

Para Tostões (2008), fica evidenciado de forma clara a mudança de posicionamento de Siza. As paredes de granito autoportantes, utilizadas no projeto do conjunto residencial, são substituídas pelo concreto bruto moldado *in loco*. As tímidas aberturas antes utilizadas no residencial – a baseadas na Ronchamp de Le Corbusier, agora aparecem de forma imponente. Zenitais e aberturas articulam o espaço e seu novo posicionamento. As influências colonialistas e tradicionalistas portuguesas são substituídas pelo posicionamento moderno.

Figura 3: O brutalismo da Cooperativa do Lordelo do Ouro (1963).



Fonte: Expofaupsiza (2013).

Nesse período, Siza continua sua colaboração no ateliê de Fernando Távora e Francisco Figueiredo que haviam sido escolhidos, em 1956 em um concurso público, para a realização de um projeto que compunha várias estratégias de retomada turística na região portuária (RAPOSO, 2016). Transferida a Álvaro Siza a responsabilidade pelo desenvolvimento e acompanhamento, o atemporal projeto da Casa de Chá da Boa Nova, em Matosinhos – na cidade do Porto, Portugal, de 1963 torna-se um dos marcos de sua carreira. Diretrizes projetuais, implantação e inovações técnicas são exploradas de modo exemplar (MARTINS, 2020).

Figura 4: Casa de Chá da Boa Nova e sua relação com o lugar (1963).



Fonte: Portuguese Matters (2016).

A escolha do terreno ficou a cargo do escritório. Távora escolhe um lote rochoso, com visuais a serem exploradas para o Farol de Leça e a Igreja da Boa Nova situados naquele distrito. Inicia-se assim o processo de levantamento de informações, estudos locais para entendimento dos condicionantes climáticos, vegetais e comportamentais da região. Siza emoldura com propriedade o projeto na paisagem.

O concreto aparente, o traçado peatonal revelador, as perspectivas enquadradas de forma estratégica e o respeito à topografia, começam a pontuar as decisões estilísticas do arquiteto. Nesse contexto, as relações entre cheios e vazios proporcionam à Casa de Chá da

Boa Nova um jogo de descobertas e revelações do mar que costeia o projeto (PENTEADO NETO, 2019).

Os salões envidraçados do projeto, os espaços abertos para a baía do porto, as paredes assentadas sobre a topografia natural, beirais inclinados e platôs de contemplação são alguns dos elementos que se sobressaem no projeto. Além disso, a Casa de Chá apresenta um variado uso de materiais: paredes de alvenaria pintadas de branco, concreto aparente, uso abundante da madeira como revestimentos, molduras e mobiliário. Para a cobertura, são utilizadas laje de concreto armado e telhas avermelhadas de estilo romano. O forro é de madeira (MARTINS, 2020).

Essa diversidade de texturas, Frampton (2015), associa à transição estilística de Álvaro e às influências de trabalhos de outros arquitetos, como o próprio Fernando Távora, ao utilizar a pureza de volumes. De Frank Lloyd Wright, podem ter derivado o contrabalanceio dos telhados, o desenho das aberturas e a predileção pelo uso extenso da madeira. Alvar Aalto, também aparece de forma pontual na trajetória de Siza. A Aalto pode se atribuir a forma com que o projeto ora se abre ao entorno, revelando a paisagem, ora se fecha, criando assim a expectativa da descoberta ao longo do percurso.

Posterior à Casa de Chá, em 1964, Siza inicia o projeto da Casa Alves Costa em Caminha, Portugal, perto da fronteira norte com Espanha. O projeto teve início no ano de 1964 e conclusão em 1971. Nesse projeto, programa, lugar e implantação são a tríade fundamental que juntamente com os ensinamentos de Fernando Távora compõem as decisões do arquiteto. Para Raposo (2016) é possível identificar de forma mais clara seu desenvolvimento estilístico, mas ainda considerando suas influências regionalistas.

Figura 5: Visuais da Casa Alves Costa (1971).



Fonte: Of Houses (2021).

O respeito e a sensibilidade de Álvaro quanto ao sítio, os costumes locais e a materialidade tornam-se premissas de seu trabalho. Em 1965, Távora convida o arquiteto para

um novo projeto: a Piscina da Quinta da Conceição, localizada em Matosinhos, Figura 6. O apreço pela localidade e seu crescente destaque no meio, faz com que Távora confie a desafiadora transformação de um antigo convento no projeto público da Quinta da Conceição (CERQUEIRA, 2018).

Figura 6: Vistas da Piscina da Quinta da Conceição (1965).



Fonte: Open House Porto (2021).

Novamente o arquiteto faz uma leitura do lote e a partir da cota mais alta desenha patamares que irão compor o local de instalação da piscina que compõem o projeto. Sempre considerando o perfil natural do terreno, o trajeto criado até a piscina é um conjunto de estratégias e coberturas que se abrem para paisagem e em outros momentos criam a expectativa da descoberta do lugar. Para Martins (2020) a cada projeto executado, Siza passa a compreender que é possível equilibrar a paisagem natural existente com as transformações físicas impostas pela sua arquitetura.

Esse equilíbrio entre ambiente natural e construído pode ser plenamente observado também em outro projeto, o das Piscinas de Marés, de 1966, também localizado na cidade de Matosinhos. O convite para participar a equipe vem do engenheiro responsável pelos estudos iniciais. O ambicioso e complexo projeto, previa uma piscina de águas salgadas às margens da praia de Leça da Palmeira (Figura 7) (RAPOSO, 2016).

Figura 7: As Piscinas de Marés de Leça da Palmeira (1966).



Fonte: ArchDaily (2016).

Seguindo princípios geométricos para implantação e solução programática, a horizontalidade das piscinas e os longos caminhos configuram-se como uma extensão da paisagem existente (MARTINS, 2020). As Piscinas de Marés estão implantadas em um raio de um quilometro da Casa de Chá, também assinada pelo arquiteto. Desse modo, é possível perceber a semelhança entre os projetos: o respeito com os condicionantes naturais, os caminhos reveladores, a horizontalidade e os princípios geométricos.

Quanto à materialidade, são explorados o concreto armado bruto, as formas puras, o uso de pedras para pavimentação e a madeira em detalhes internos do bloco de vestiário. Desse modo, cria-se a sensação de equilíbrio e extensão entre arquitetura e a natureza local. Nesse período, Álvaro estava com 26 anos e reconhecimento ascendente. O projeto das piscinas foi construído por fases e a sua conclusão levou um período de 14 anos (MARTINS, 2020).

A década de 1970 foi responsável por consolidar o seu prestígio no cenário da arquitetura nacional portuguesa. Em suas obras, explora a capacidade de um sistema formal aberto relacionando o interior e o exterior com maestria (RAPOSO, 2016).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse trabalho faz parte de uma série de estudos que compõe um projeto de dissertação de mestrado em que a primeira parte da revisão literária está dividida nos seguintes recortes temporais: (a) 1ª fase (1940 – 1969); (b) 2ª fase (1970 – 1999) e, (c); anos 2000 em diante. O entendimento da trajetória do arquiteto torna-se elemento primordial para a definição das obras que irão compor os estudos de caso da dissertação.

Desse modo, esse estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica sobre o arquiteto português Álvaro Siza e suas primeiras práticas projetuais. As informações contidas são o

resultado da investigação em teses, dissertações, livros, artigos e sites portugueses. O recorte temporal definido engloba as décadas de 1940 até o final da década 1960, período em que Siza ingressa na faculdade, se forma e inicia no campo arquitetônico.

Por meio de uma síntese referente ao tema proposto, dentro de uma sequência lógica de fatos, possibilitar ao leitor compreender o propósito da pesquisa e o objeto a ser estudado, neste caso o arquiteto Álvaro Siza e suas obras.

4 ANÁLISE DO PERÍODO

A questão central na forma em que Álvaro Siza projeta refere-se à escolha dos sítios para a implantação dos seus projetos. Por meio de experimentações e análise de questões materiais e imateriais inerentes ao local, Siza desenvolve trabalhos em que projeto e lugar fundem-se em um mimetismo único. Desse modo, através do respeito ao lugar e sua história, Siza começa a se destacar pela genialidade de soluções e sensibilidade.

O arquiteto se apropria da topografia do sítio e demais características geográficas para então iniciar seus estudos. O equilíbrio entre os elementos materiais, formas, cores e texturas contribuem para a definição de caráter de seus projetos. Essa relação entre local, materialidade e decisões projetuais pode ser atribuída a sua admiração aos mestres da arquitetura moderna, como Le Corbusier, Alvar Aalto, Frank Lloyd Wright e ao seu primeiro mentor Fernando Távora. Siza possuía estreita proximidade com o arquiteto português, contribuindo diretamente para sua inserção no mercado de trabalho. Desse modo, a compreensão dessas relações faz com que Siza construa projetos que vão além da noção de abrigo ou de sua função em si.

Por meio da influência da produção desses arquitetos e dos preceitos do regionalismo crítico, Álvaro Siza é capaz de produzir uma arquitetura que vai além da idealização de sítios aplanados e desobstruídos. Através de suas posturas regionalistas, o arquiteto inclui questões socioculturais regionais, articuladas entre arquitetura e lugar, mas sem recorrer ao vernáculo ou revivalismos estilísticos.

Siza inicia sua carreira com um conjunto de residências, as quatro habitações de Álvaro Siza (1954), que apresentam características modernas baseadas na expertise de Le Corbusier, mas apresenta em sua totalidade o regionalismo português, com seu telhado de águas e as paredes de granito autoportante.

Com a popularização do concreto armado, Siza começa a desenvolver de forma mais

pontual seu estilo, como pode ser observado nas soluções formais mais puristas da Cooperativa do Lordelo do Ouro (1963). A Casa de Chá da Boa Nova e as Piscinas das Marés (1966) podem ser consideradas a síntese dos preceitos que definem Álvaro Siza.

As complexas características do local em que se localiza esses dois projetos, terrenos acidentados, rochosos e de frente ao mar poderiam ser definidos como restrições de projeto. No entanto, o arquiteto os utiliza como delimitadores, explorando percursos, visuais, paralelismos e materialidades que remetem a sensação de simbiose entre o lugar e o projeto.

As primeiras e importantes práticas que compõem esse estudo contribuíram para a consolidação de seu trabalho e para o seu reconhecimento nacional e internacional. Na década de 1970, Portugal liberta-se do regime totalitário salazarista, iniciando um novo momento político democrático e econômico. Esses fatores influenciam no progresso do país, no desenvolvimento do setor da construção e no porte dos projetos em que Álvaro Siza passa a participar. No entanto, a exploração desses fatos e seu posicionamento perante a arquitetura serão investigados com maior propriedade em um outro momento pelas autoras.

5 CONCLUSÕES

Esse trabalho buscou apresentar o contexto da trajetória do arquiteto Álvaro Siza e suas primeiras práticas, contidas no recorte temporal das décadas de 1940 ao final de 1960. Através da descoberta e entendimento sequencial de seus feitos nesse período foi possível a identificação de fatores que contribuíram para a sua forma de pensar a arquitetura.

Por meio desse estudo foi possível identificar a completude de suas soluções construtivas, a valorização e inserção de características locais e topológicas em seus projetos e o primor que isso implica no todo construído. Álvaro Siza constrói sua carreira sem a definição de uma linguagem pré-estabelecida, repetições formais ou uso de materiais de forma intensa. Além disso, torna-se um dos expoentes do regionalismo crítico, encontrando em cada projeto uma oportunidade de integrar sua arte ao local, refletida no conjunto de suas obras as relevâncias que são únicas aquela situação projetual.

Cada projeto exposto nesse trabalho possui características únicas, carregando em si a responsabilidade das preexistências locais, uma das únicas diretrizes projetuais que pode ser definida como assídua em sua carreira. Nesse contexto, a investigação sobre a trajetória de Álvaro Siza não se configura como encerrada. A segunda etapa de investigação sobre o arquiteto consiste no entendimento de suas obras a partir da década de 1970 até o final da

década de 1990. Desse modo, os estudos futuros que serão gerados pretendem compreender com maior primor sua história, seu pensamento projetual, sua apropriação ao lugar e como isso impacta nos usuários desses locais.

REFERÊNCIAS

- ARCHDAILY. **As Piscinas de Marés de Leça da Palmeira, de Álvaro Siza Vieira, completam 50 anos.** 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/796349/as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos>. Acesso em: 7 jul. 2021.
- BARATA, P. M. *Construction and representation in Portuguese architecture an inquiry on the works of Fernando Távora, Álvaro Siza and Eduardo Souto de Moura.* Tese. (Doutorado em Ciências Técnicas) – Swiss Federal Institute of Technology, Zürich, 2000.
- CERQUEIRA, R. J. R. **A importância do lugar para a implantação e concepção dos edifícios.** Dissertação. (Mestrado em Arquitetura). Universidade Lusófona do Porto. Porto, 2018.
- CLEMENTINO, L. L. R. R. **De o problema da casa portuguesa ao da organização do espaço.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2013.
- FRAMPTON, F. **História Crítica da Arquitetura Moderna.** 4. ed. Brasil: Martins Fontes. 400 p. 2015. ISBN: 8580632102.
- LEAL, J. *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: estudo sobre a arquitectura popular no século XX portugueses.* Conferência Arquitecto Marques da Silva. 2008. Porto, Fundação Marques da Silva. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/17090/1/Jo%20c3%a3o%20Leal%20Arquitetos%20Engenheiros%20Antrop%20c3%b3logos.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2021.
- MARTINS, A. A. **Álvaro Siza: Caligrafia concreta.** Tese. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2020.
- MARTINS, R. M. **A ideia de lugar: Um olhar atento às obras de Siza.** Dissertação. (Mestrado em Projeto Arquitetônico). Universidade de Coimbra. Coimbra, 2009.
- OF HOUSES. *Of Houses is a collection of Old Forgotten Houses.* Álvaro Siza – Casa Alves Costa. Disponível em: <https://legranluxe.tumblr.com/post/166741667349>. Acesso em: 01 set. 2021.
- OPEN HOUSE PORTO. **Quinta da Conceição – jardim e piscina.** Disponível em: <https://2021.openhouseporto.com/places/quinta-conceicao/>. Acesso em: 01 set. 2021.
- PENTEADO NETO, R. **Álvaro Siza: Arqueologia, Metamorfose e Inflexão na composição da forma arquitetônica (1966-1998).** Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura). Universidade de São Paulo. São Carlos, 2019.

PORTUGUESE MATTERS. **Boa Nova – Álvaro. Siza Vieira**. 2016. Disponível em: <https://www.portuguesematters.com/blog/2016/6/17/boa-nova>. Acesso em: 7 jul. 2021.

RAPOSO, G. M. M. **O espaço como matéria comum entre a Arquitetura e a Arte Contemporânea: Contaminações entre as duas disciplinas**. Tese (Doutorado em Arquitetura). Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2016.

SIZA, A. **01 Textos**. 1. ed. Porto: Civilização. 288 p. 2009. ISBN: 9789722629232.

SOUSA, J. P. O Estado Novo de Salazar como um fascismo de Cátedra. Fundamentação histórica de uma categoria política. **Revista Storicamente: Laboratório Di Storia**. v. 5, n. 28, p. 1-31, 2009. Disponível em: <https://storicamente.org/sites/default/images/articles/media/1223/estado-novo-como-fascismo-de-catedra.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2021. DOI: 10.1473/stor5.

TÁVORA, F. **O Problema da Casa Portuguesa**. Semanário Aléo. Lisboa, 1945.

TOSTÕES, A. *La Permanente Experimentación em Álvaro Siza: del Estímulo Estructural a los Modos de Construir, del Compromiso con el Lugar al Sentido Primordial de las Cosas*. **Revista en Blanco**, n. 1, abr. 2008. Disponível em: <https://polipapers.upv.es/index.php/enblanco/article/view/7284/7329>. Acesso em: 1 jun. 2021.